DOI: http://dx.doi.org/10.1590/1984-04382024e440302

É fã ou *hater*? Interrupções religiosas e colapsos morais nas redes sociais digitais de artistas evangélicas

Raphael Bispo
Universidade Federal de Juiz de Fora
Juiz de Fora – MG – Brasil
Orcid: https://orcid.org/0000-0003-2703-9397

Introdução

Em comentário ao texto de Montero (2018), Machado (2018) é precisa ao diagnosticar como a articulação entre evangélicos e mídias no Brasil é hoje uma das principais facetas para se pensar a complexa imbricação entre religião e política. A capilaridade das redes sociais digitais no cotidiano instiga os estudiosos a produzirem novas interpretações sobre o fenômeno evangélico, tendo em vista a "intensa produção de imagens, sentidos e significados religiosos e políticos, bem como da disputa sobre estes" (Machado 2018:74) que eclodem nas mediações promovidas por *smartphones*, *tablets* e *laptops*, entre outras novas tecnologias comunicacionais e de informação.

Em minhas pesquisas, tenho enfatizado a importância de estarmos atentos às práticas religiosas digitalizadas (Bispo 2018, 2019, 2021a, 2021b, 2023). Destaco a maneira como as redes sociais reconfiguraram os testemunhos, um tradicional ato de fala da ritualística evangélica. Venho observando, mais precisamente, que tais narrativas atuam como tecnologias de construção do *self* (Foucault 1990) para inúmeras artistas que passaram por processos de conversão ao pentecostalismo. Por meio das modalidades digitais de comunicação, celebridades vão se tornando pessoas religiosamente morais, ou seja, determinados procedimentos tecnológicos são por elas

utilizados a fim de se adequarem às expectativas e aos imaginários do que é ser uma boa cristã.

Passei a demonstrar, então, que a adequação a uma vida virtuosa não é meramente seguir regras ou normas formuladas por grupos institucionalizados. Trata-se de cotidianamente ir se construindo por meio de um conjunto de práticas de fé, fortemente marcadas por questões de gênero e cada vez mais entranhadas pelos emaranhados digitais que reconfiguraram por completo a vida contemporânea. Em outro trabalho (Bispo 2021a), "ética ordinária" foi a expressão que melhor se adequou às minhas reflexões sobre moralidades no fluxo de trajetórias artísticas em interface com o movimento evangélico no Brasil, inspirado nos trabalhos antropológicos sobre as moralidades de Robbins (2004), Mahmood (2006), Das (2007), Fassin (2008), Hirschkind (2021), entre outros.

É fato que muitos processos de conversão midiatizados são tortuosos, repletos de instabilidades subjetivas e morais. Baseado mais diretamente nas proposições de Robbins (2011, 2020), explorei tentativamente o conceito de *interrupções* para estudar os movimentos de "voltas", "saídas", "retornos", "viradas" e "chegadas", recorrentes em diversas carreiras artístico-religiosas no Brasil (Bispo 2021a, 2023). Trata-se de refletir, por meio da categoria, sobre os momentos especiais presentes nos múltiplos desdobramentos das vidas de artistas, em que estas se veem trafegando entre uma arte dita secular e outra religiosa, uma vez optando por abandonar certas igrejas em prol de trabalhos artísticos e, posteriormente, voltando a elas ou, ao contrário, deixando de lado a "vida mundana" para experimentar densamente uma proximidade com Deus. Essas *interrupções* permitiram-me observar de forma mais etnográfica as nuances e incertezas da vida, revelando os meandros de como as dinâmicas das subjetividades e das moralidades entrecruzam-se com o fluxo das decisões tomadas por pessoas religiosas.

Por meio da categoria *interrupções*, busquei fugir também de uma excessiva atenção à corporificação das normas de devoção e de autocultivo comuns ao ato de se converter e presentes nas análises das tecnologias do *self* nas igrejas (Mahmood 2006; Hirschkind 2021). A proposta era melhor destacar as dimensões da reflexividade e dos conflitos morais e emocionais que se fazem recorrentes nos processos de transformações de si (Scielke 2009; Zigon 2013; Carpenedo 2022), algo que Lambek (2010) entende ser uma análise da ética a partir de uma perspectiva existencial.

Diante disso, o que desejo por meio deste artigo é mostrar uma outra face da mesma moeda em torno do processo de tornar-se (ou deixar de ser) uma artista evangélica, o que venho etnograficamente tentando captar em meus trabalhos. Se os dilemas morais e os conflitos subjetivos vivenciados pelas pessoas já são difíceis de serem antropologicamente captados e delimitados, como dito, por seu caráter um tanto abstrato e "privado", tão complexo é também mapear o contexto social de eclosão dessas experiências. Isso porque qualquer empreendimento ético é, por

excelência, fruto das relações que o sujeito virtuoso, aquele que almeja se adequar moralmente, estabelece com seus pares e grupos. A relacionalidade está no cerne da compreensão que ele terá de si e de seus ideais.

O que busco aqui defender é que, na experiência da fama na atualidade, as interações que eclodem por meio das novas tecnologias de comunicação são imprescindíveis para o desenvolvimento de certas disposições éticas e emocionais entre as artistas por mim investigadas. As fofocas e *tretas* com fãs em torno de suas vidas religiosas – que emergem nos debates e comentários escritos, gravados e narrados diariamente, disponibilizados nas plataformas digitais – revelam o caráter multidimensional, desterritorializado e difuso das formas de controle moral contemporâneas.

Assim, desvela-se na atualidade pela interatividade *on-line* muitos dos comuns dispositivos de vigilância que orientam práticas religiosas, que inclusive podem reverberar em intensos processos de discriminação e preconceito na esfera pública. Pode-se dizer, então, que as novas mídias não são apenas utilizadas pelos artistas como veículos que visam a convencer sujeitos acerca de suas qualidades e talentos. A partir do que defendem Machado e Sant'Anna (2023:299), o que verificaremos nessas dinâmicas digitais entre celebridades e seu público é um "processo relacional de formação subjetiva repleto de ambivalências. Ou seja, a mídia é tomada como processo, como disputa em que se negociam e recombinam formas, conteúdos, práticas e experiências".

Logo, é minha intenção aqui estudar pessoas que têm grande significado para a população em geral: artistas e suas experiências de fama. Isso porque nos sentimos constantemente cativados por eles em nosso dia a dia, gastamos horas "ao lado" deles, os conhecemos pelos nomes e (pensamos que) sabemos muito sobre suas vidas. Artistas são figuras centrais na trajetória de qualquer pessoa em nossa sociedade, mas muito pouco elaborados antropologicamente. Assim, neste artigo, sigo a proposta de compreensão da fama feita por Coelho (1999:30), que entende tal fenômeno como uma versão moderna da construção do renome, abrindo caminho para o exame de como o clássico argumento da formulação das subjetividades pela via relacional do olhar do outro ganha contornos específicos na moderna sociedade de massas e, no caso deste artigo, através das relacionalidades tecidas por meio da internet.

Seguindo a autora, abordo o fenômeno da fama a partir de dois polos, opostos e complementares: o ídolo e seus fãs, ou, mais precisamente, a artista nas redes sociais e seus seguidores. Se, por um lado, a identificação de alguém como ídolo é feita pelo sentido de singularização e renome adquiridos por essa pessoa através dos olhares de seus pares, por outro, praticamente qualquer sujeito pode assumir a condição de fã em algum momento da vida. Se tal abrangência torna difícil um recorte preciso do que seja ser um fã, irei compreendê-lo neste artigo em um sentido também bastante amplo: aquele que ocupa o "outro lado" do polo da fama, o do anonimato, e que, em alguma medida, estabelece ligações afetivas com alguma figura artística, nutrindo sentimentos de admiração e fascínio, mas também de raiva, ódio, etc.

> Fãs e ídolos estariam assim enredados em um mesmo paradoxo, duas extremidades de um mesmo fio. [...] O fã louco e obcecado, se por um lado apavora, por outro impressiona na medida em que acena com a possibilidade da perenidade do sucesso. Nessa fantasia que acende no ídolo, emerge com força total a relação que os une. Opondo o ser indistinto na massa ao ser distinto da massa, a relação fã-ídolo tem na assimetria sua característica mais marcante. Essa assimetria, contudo, é complexa e nuançada, pois os termos que se opõe se aproximam em um outro nível. Compartilhando a tensão entre singularização e massificação, fãs e ídolos nos falam da condição humana individual, duas possibilidades de vivenciar uma mesma experiência (Coelho 1999:138-139).

Em termos metodológicos, este trabalho baseia-se, então, na observação e no acompanhamento das interações entre artistas e seus seguidores nas redes sociais e na análise de conteúdos produzidos e compartilhados por ambos na internet. O estudo parte da seleção de duas cenas etnográficas digitais: 1º) o lançamento de um álbum pop e secular pela ex-cantora gospel Priscilla Alcântara; e 2º) a entrada da modelo Andressa Urach no segmento de filmes pornográficos para assinantes de plataformas pagas.

Tais precisos momentos biográficos de Priscilla e Andressa em análise neste artigo poderiam ser classificados como *interrupções*, conforme a categoria apresentada. Eles foram selecionados porque nos permitem melhor vislumbrar por meio da etnografia a relacionalidade da experiência moral garantida pelas redes sociais, em que as mais variadas pessoas anônimas fazem inúmeras demandas a famosas que tiveram ou ainda têm passagens por igrejas evangélicas. Sendo assim, não meramente me debruço aqui sobre as reapropriações criativas do digital feitas por certas artistas, como fiz até agora ao longo desta pesquisa. Detenho-me analiticamente nas interações mediadas pela tecnologia entre ídolos e seus fãs, que a eles destilam amores e ódios, em termos de compreendê-las como práticas cotidianas delineadoras de moralidades e subjetividades religiosas.

Inspiro-me também para este recorte de meu material de campo na antropologia das moralidades baseada no estudo de *colapsos morais* (*moral breakdowns*, no original) proposta por Zigon (2013), a partir da filosofia de Heidegger. Segundo o autor, o estudo da "ética cotidiana" deve ser limitado aos momentos em que grupos ou pessoas são forçados a afastarem-se daquilo que ele nomeia como "cotidiano irrefletido", isto é, períodos nos quais não estamos pensando densamente se nossas atitudes são certas ou erradas, ou que caminhos éticos precisamos tomar em nossas trajetórias. Os *colapsos morais* são justamente os delicados momentos especiais da vida em que somos retirados de nossas rotinas morais e subjetivas e jogados em uma intensa

reflexividade sobre escolhas e possibilidades existenciais no mundo. Os *colapsos* são capazes de gerar dilemas éticos e questionamentos acerca de nossas atitudes e ideais, instigando-nos a trabalharmos sobre nós mesmos e a respondermos sobre problemas, dificuldades e propostas que emergem no dia a dia.

Logo, ao estudarmos o desempenho de sujeitos em momentos de *interrupção* e/ou *colapso moral* nas redes sociais, não apenas conseguiremos constatar como eles refletem e respondem a certos momentos de instabilidade na fé, mas, talvez mais importante, estaremos mais bem capacitados a perceber as maneiras pelas quais suas disposições morais religiosas são (re)modeladas no contexto de interações em espaços digitalizados.

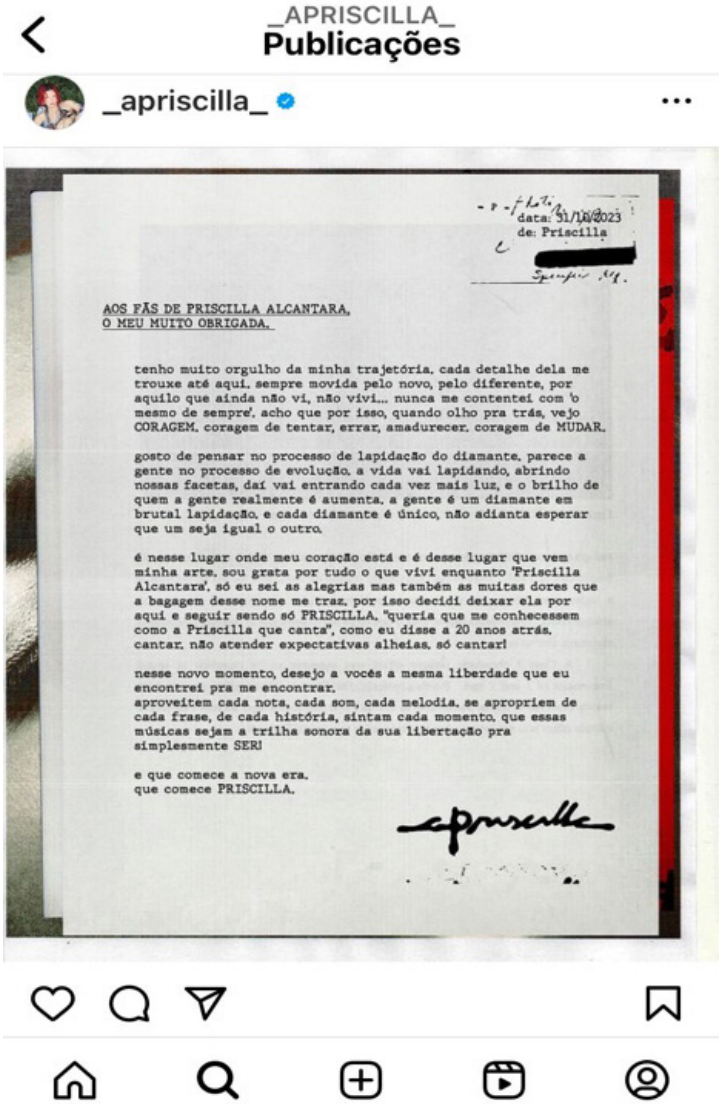
De dentro para fora

O *Instagram* é uma rede social com foco na publicação de conteúdos com forte ênfase na disseminação áudio-imagética. Os usuários tendem a disponibilizar aos seus seguidores fotografias e vídeos do cotidiano, gerando interações *on-line* por meio de sons, vídeos, comentários escritos ou símbolos tipográficos que auxiliam a demonstração de sentimentos, os chamados *emojis*. Sistematicamente, logo após a postagem de qualquer material por alguém, é comum que outros venham interagir com ele. O número de comentários e curtidas é revelador do prestígio da pessoa e do quanto o material disponibilizado reverberou por entre aqueles que a seguem.

Assim, em virtude da conjugação entre preeminência das imagens e imediatismo digital, certamente o Instagram é hoje uma das principais plataformas de comunicação dos artistas com o público. Não há famosos sem perfil nessa rede, sendo eles hierarquizados conforme o números de seguidores que possuem, principalmente aqueles que atuam nas fronteiras da instável indústria cultural.

Não é aleatório, portanto, que a cantora Priscilla Alcântara, 27 anos, tenha escolhido tal plataforma para anunciar o seu "fim" enquanto artista gospel e, por conseguinte, dar início a uma "nova era" dedicada à música pop, entendida pelos pares religiosos como pecaminosa. Em uma carta datilografada endereçada aos fãs, disponibilizada no Instagram, a cantora tece agradecimentos e despedidas, demarcando o quanto é "movida pelo novo" e que detém coragem para "mudar". Ela interage textualmente com o leitor, desejando a todos "a mesma liberdade que eu encontrei para me encontrar". Entendendo a sua entrada no pop enquanto uma "libertação" – expressão comum do léxico pentecostal para se referir ao oposto, ou seja, o afastamento do mundano por parte de fiéis desgarrados –, a cantora convoca a todos que compartilhem com ela do momento "único" de sua trajetória (Figura 1).

Figura 1. Imagem do Instagram de Priscilla com a Carta Anunciando sua "Nova Fase".



Legenda do *post*: "Sou grata por tudo o que vivi enquanto 'Priscilla Alcantara', só eu sei as alegrias mas também as muitas dores que a bagagem desse nome me traz, por isso decidi deixar ela por aqui e seguir sendo só PRISCILLA. 'Queria que me conhecessem como a Priscilla que canta', como eu disse a 20 anos atrás, cantar, não atender expectativas alheias, só cantar."[1]
Fonte: https://www.instagram.com/p/CzFLIkLM0qI/

1 Busco aqui manter, na medida do possível, a forma de escrita e fruição das pessoas nas redes sociais, fazendo uso de recursos gráficos, *emoticons*, etc.

A proposta da cantora e sua equipe visava a preparar o público para o lançamento de um novo álbum, sendo este o tópico que mobilizou todos os conteúdos publicados no *Instagram* nos dias que se seguiram à fatídica carta: a revelação de trechos de música, os *clips*, os anúncios de shows, os bastidores, etc. As antigas fotos foram apagadas da rede social, a fim de realçar que, a partir daquele momento e por meio de uma certidão de óbito-renascimento artístico, quem ali está é apenas a "Priscilla que canta", e não mais a antiga Priscilla Alcântara.

É notório que todo o trabalho de divulgação nesta nova fase artística se fez por meio de uma reafirmação pelo contraste com aquilo que mais a marcou na esfera pública: a trajetória religiosa. Como já demonstrei, se é comum identificar artistas testemunhando uma nova vida em Cristo, também se verifica na atualidade inúmeros outros repudiando momentos de fortes investidas religiosas. No entanto, nota-se que as gramáticas pentecostais continuam presentes nessas últimas trajetórias: seja porque o passado é constantemente lembrado pelos fãs, seja porque símbolos religiosos são sutilmente apropriados na construção da nova carreira. Assim, tais sujeitos põem em prática suas novas identidades artísticas estabelecendo uma relação dialética com o passado cristão. A acomodação dos valores seculares é feita sempre por meio do auxílio ressignificado de seus antigos repertórios evangélicos.

Mas que "passado religioso" é esse que marca a trajetória de Priscilla e que nos permite compreender que ela experimenta uma *interrupção* e mesmo um *colapso moral*, nos termos que propus na introdução deste artigo? Desde a infância, a jovem foi frequentadora de igrejas evangélicas. Após sua passagem pela Assembleia de Deus, ela se envolveu com a Igreja Bola de Neve durante mais de uma década, denominação conhecida como menos exigente em termos comportamentais e frequentada por segmentos de camadas médias, o que permitiu à Priscilla, por exemplo, cultivar tatuagens. Por meio do canto, foi "artista mirim", fazendo apresentações em espaços religiosos. Nos termos de De Paula (2007:62), ela é uma artista "de dentro para fora", já que emergiu publicamente por meio de sua associação com o sagrado e, depois, adentrou instâncias artísticas seculares.

A maior projeção nacional de Priscilla veio quando ela começou a apresentar o programa infantil *Bom Dia & Cia*, no "laico" canal de televisão SBT. Dos 9 aos 16 anos, ela aparecia diariamente na casa de inúmeras crianças, com quem se divertia a distância por meio de brincadeiras pelo telefone, entrecortadas com desenhos animados. A presença na TV durante a adolescência nunca afastou Priscilla dos balcões das igrejas, chegando cada vez mais aos púlpitos quando começou a lançar álbuns gospels, como *Meu sonho de criança* (2010) e *Para não me perder* (2012). Sempre conhecida como *influencer* entre segmentos juvenis evangélicos nas redes sociais, manteve-se ativa no YouTube, por muito tempo produzindo vídeos diversos para o seu canal hoje desativado, chamado *Vlog de Tudo*, cujo conteúdo religioso era recorrente, mas nunca ostensivo. Junto à Bola de Neve, foi uma figura importante na realização

de encontros para jovens evangélicos, como o *ASU* (Até Sermos Um), participando também de variadas *Marcha para Jesus*.

Logo, Priscilla sempre teve sua persona pública associada ao fato de ser evangélica e ativamente buscar "levar a palavra" à juventude. Ser relativamente famosa fora das igrejas serviu a ela durante muito tempo como um trunfo moral, gerando um diferencial prestigioso entre os pares religiosos. Isso porque ela era a menina "crente" exemplar, extremamente comunicativa e que não se corrompia mesmo estando na televisão, tendo em vista que sabia de seu "propósito" e de sua "missão".

Bandeira (2023:118) revela que no mundo gospel, artistas são sempre compreendidos como pessoas com talentos e dons especiais frutos da vontade de Deus, devendo se colocar em sociedade como aqueles que, por meio da arte, aceitaram o "chamado". A carreira artística cristã é vista mais como uma aceitação da missão conferida por forças superiores do que como uma escolha pessoal. Assim, podemos intuir por essa diferenciação basilar que muitos artistas gospel podem virar versões plenamente elaboradas dos valores evangélicos e ser exemplos em que os indivíduos de uma dada denominação podem vir a encontrar seus princípios mais fundamentais, de acordo com as proposições de Robbins (2015) sobre a exemplaridade e onde no mundo estão os valores.

A publicação da carta anunciando o "fim" no Instagram era a materialização imagética das *interrupções* religiosas que Priscilla vinha experimentando nos últimos anos. O texto imediatamente mobilizou as vigilâncias difusas e os controles morais amplificados que marcam as redes sociais, gerando uma onda de críticas, insultos e deboches por parte de seguidores.

Sigo a proposição de Carvalho (2017:348) de que *treta* é uma categoria êmica da esfera pública contemporânea marcada pelo *continuum on-line/off-line* e utilizada para se referir aos heterogêneos conflitos, brigas e acusações que utilizam geralmente textos, áudios, vídeos e imagens, entre outros signos de interação da internet. Uma *treta* mobiliza acalorados debates digitais e para além deles, provocados por algo tido como controverso, "polêmico".

Um dos contextos mais comuns para tretas entre artistas e fãs é o espaço dedicado a comentários no Instagram. Foi nele que ficaram os registros das cobranças religiosas feitas à Priscilla, cujo acúmulo em volume de comentários é bastante significativo, o que demonstra empiricamente as demandas éticas presentes nesses espaços virtualizados. Destaco alguns destes posts mais "curtidos", ou seja, apoiados por outros seguidores, disponibilizados logo abaixo da carta anteriormente mencionada. Os nomes dos autores dos comentários não foram identificados.

Parece tipo um “vendi minha alma”

Se é pra resetar mesmo já apaga a conta do insta e faz uma nova… porque não adianta nada apagar a Priscilla Alcântara e viver de tudo que ela construiu 🙅🏽‍♀️

Que “Liberdade” é essa que te aprisiona, muda sua essência e te afasta de Deus?

Ela escolheu o seu “senhor” 💔

Um coisa é notável, o pecado apodrece nossa alma, aparência...

Gata, o feminismo não enaltece o belo. Ele degenera o belo, a beleza feminina. O feminismo afasta a mulher da sua essência biológica.

Lamento pelo reset deste mundo de uma alma de muita luz, dotada de talentos divinos. Adeus Pri, te admirava muito, mas morreu junto com sua identidade

“Nova Era” se perdeu achando que se encontrou

Eu vi esse perfil no meu Instagram, queria saber de onde eu seguia e porque seguia.. vi que tinham alguns conhecidos meus que também seguem.. Mas velho, eu custei a acreditar no que eu estou vendo. NÃO VIM JULGAR, porém, eu não sou mais seguidor desse perfil, pois eu seguia por algo em comum e por algo que me agradava, boa sorte para o que você acha ser certo, e que ainda haja arrependimento e salvação pra você!

Eita assinou o pacto.

que loucura tudo isso, te desejo tudo de melhor, seu talento é incomparável, mas sua arte deixou de fazer sentido pra mim, o que até me entristece! espero que um dia faça sentido de novo, pra mim, acompanhar seu talento que é imenso, lindo e divino 💔

No contexto de um *colapso moral*, verifica-se, nesse caso, a quebra da exemplaridade que marcava a trajetória religiosa de Priscilla até então. Ela deixa de emanar os valores idealizados por uma parcela de sua plateia, provocando reações. É claro que há comentários positivos sobre a “nova era” e a qualidade do trabalho, além de

posicionamentos refratários aos excessos de cobranças de tom religioso, mas estes são sempre em menor número e repercussão. São alguns exemplos desses comentários mais edificantes, de adoração e fascínio, típico das discursividades dos fãs.

> FINALMENTE!!! 🔥
>
> Te amo tanto
>
> IT'S PRISCILLA CARALEOW
>
> Só veeemmmmmm, estamos prontos pra nova era baby 😍
>
> no final, quem vive e sente é você e só você saberá quais serão os melhores caminhos para percorrer. Logo, quero te desejar tudo o que for de bom em cada nova trajetória que tomar. Se refaça todo dia e floresça em chãos batidos. Viva sua liberdade e seja um Girassol 💜✨
>
> As crentes surtando kkkkkkkkkkkkk
>
> É nessas horas que vemos o amor dos crentes. É um comentário mais lindo que o outro. Só amor 😂
>
> Os crentes querendo ditar como a Priscilla deve seguir sua carreira e sua vida. Nada de novo sob o sol. A igreja tem controle sobre vocês e vcs querem ter controle sobre a vida alheia.

A permanência no tempo dessas interações no estilo da *treta*, que continuam acessíveis *on-line* após longos períodos, provoca a atuação das equipes de marketing dos famosos, que tendem a apagar as maledicências e mesmo bloquear seguidores. Contudo, o caráter fugaz das trocas digitais é de difícil controle, ainda mais com o acúmulo do tempo e das postagens, o que impede que essa seletividade seja totalmente eficaz. Se os chamados "administradores" de uma rede social de uma artista insistem em controlar o que se diz nesses espaços sobre ela – deixando apenas escritos elogiosos ao apagar *tretas* –, o que nos chama a atenção é a persistente massa informativa avaliadora e de teor fortemente negativo nas redes de Priscilla sobre sua fé.

Disse Zigon (2013:138, tradução minha): "quando um indivíduo se encontra num momento de *colapso moral*, essa pessoa também descobre que lhe está a ser imposta uma exigência". Há uma replicabilidade de comentários gerada pela hiperconexão das redes sociais que faz com que os julgamentos sejam cada vez mais constantes e emerjam a todo instante, conforme Priscilla disponibiliza conteúdos nas plataformas. Ela é questionada com frequência no Instagram sobre o seu "passado religioso" e se

vê às voltas com dilemas existenciais frutos de cobranças feitas a ela devido a decisões que parecem contraditórias a certos empreendedores morais.

É desse tipo de massificação de informações críticas e conflitos por meio de controvérsias que emerge a figura contemporânea do *hater*, o sujeito digital destilador de sentimentos de ódios, que nada mais é do que a substancialização em torno de um personagem genérico e imaginário das fortuitas cobranças morais tecidas na internet pelas pessoas entre si, fruto das novas dinâmicas interativas estimuladas pelo mundo digital. O *hater* é uma pessoa sempre disponível a tecer comentários maledicentes sobre os outros na internet. No contexto do mundo da fama, entendo o *hater* como um tipo de fã, no sentido amplo que adotei neste artigo para a categoria, já que nem só de fascínio e amor se define a relação polarizada entre o ídolo e seu séquito. É missão do fã-*hater* acentuar as falhas morais de seu alvo artístico, atacando o modo de ser e os comportamentos daqueles famosos que parecem em transgressão ética aos seus olhos (Freitas 2017). Priscilla é constantemente classificada como "vendida", "degenerada", "afastada", "pecadora" e "perdida" por seus *haters*.

Ainda nos termos de Robbins (2015), amor e ódio em extremos são dimensões subjetivas importantes no âmbito do fenômeno da exemplaridade, comuns também na experiência da fama, pois nos relacionamos com tais sujeitos-exemplos famosos com base em nossa "fé" deles, isto é, na força com que nos atraem e demandam uma resposta constante a eles. Assim, em relacionamentos modulados por intensidades, não é necessariamente uma fé religiosa que nos move perante os exemplares artistas nas redes sociais, "mas uma fé no sentido de um amor fundamentado, evidente e verdadeiro" (Robbins 2015:177), que resvala rapidamente em ódio quando se quebra o encanto. O *hater* é alguém que perdeu a fé naquele que tanto critica, estabelecendo trocas sociais não mais por meio de sentimentos amorosos, mas pelos odiosos. Há, portanto, uma lógica comunitária e de criação de laços sociais na internet por meio de emoções ditas negativas, algo que os *haters* parecem tão bem realçar na sua relação dialética e em conflito com famosos.

Seguido da carta, Priscilla e equipe começaram a divulgação da música e do visual que seriam o carro-chefe da "nova era". A cantora dedicou-se a regravar um antigo funk em versão moderna, *Quer dançar*, em parceria com *Bonde do Tigrão* (Figura 2). Como demonstrado por Pinheiro e Farias (2019), o funk é por excelência um ritmo musical associado às tentações demoníacas na cena evangélica, por supostamente incitar o sexo e o crime. Logo, esse estilo parece ser o polo oposto perfeito ao antigo gospel de Priscilla.

A divulgação de *Quer dançar* na voz da cantora foi feita por meio de uma série de imagens e vídeos no Instagram. A repercussão foi tão intensa e negativa que o espaço para comentários do perfil precisou ser desativado, a fim de barrar os ataques discursivos dos *haters*. Posteriormente, algumas semanas depois, novas imagens com um *look* avermelhado da cantora passou a circular nas redes sociais, gerando as mesmas tretas de cunho religioso (Figura 3).

Figura 2. Foto de Divulgação do Clip de Funk de Priscilla no Instagram.

Fonte: https://www.instagram.com/p/CzbfZDWuoDQ/?img_index=1

Figura 3. Foto do Look Avermelhado de Priscilla no Instagram.

Fonte: https://www.instagram.com/p/CzZrRqkOpDL/

Alguns dos comentários do *post* apresentados a seguir:

O evangelho não foi lucrativo né. Eu entendo!

Oq tá acontecendo com as pessoas.

Uma voz tão bonita sendp desperdiçada com tanto mau gosto.

Escureceu a sua imagem!! Pesou!! N sei explicar!! Áurea escura

Esses crentes viu! Pregam tanto a palavra, mas são os que mais atiram as pedras, os mais intolerantes. O importa Priscila é a gente ser feliz! Ninguém é o dono da verdade. O criador quer que evoluamos na vida. Você tá transcendendo garota! Amei a primeira música e já estou ansiosa pelas demais. 😍 Tá incrível.

Senhor cuida da tua filha que seja feita a tua vontade e não a dela ,ela falhou ,caiu ,mais e o senhor que tem controle da vida dela @_apriscilla_ pri olha não estou aqui pra julgar mais estarei orando por vc pois Deus sempre vai te amar vc conhece a palavra sabe que ele abomina o pecado não podemos ficar divididos com o mundo e Deus . Mais sabe mesmo assim independente de vc está em outro momento agora não esqueça de Deus e lembre-se que ele vai estar sempre ali por vc

Depressão a nível extremo aí 😂😂😂

O que a terra aplaude, o CÉU reprova !!!! Te conheci na IBL de BH, numa fase bem diferente, torço pra vc voltar ao primeiro amor❤️

Tá parecendo a gira pomba😂😂😂😂

"Antes" e "depois" são categorias fundamentais colocadas em narrativas por boa parte dos julgamentos, explicita ou implicitamente. Soam como pano de fundo para destacar a temporalidade da vida e as transformações na personalidade de Priscilla. Poderíamos afirmar que os comentários sempre partem dessa constatação nativa da *interrupção*. "Antes", quando a famosa vivia em Deus, e o "agora", quando está próxima do pecado. Alguns fãs inclusive criticam a descrição do "agora" que é dada pela própria artista. Sentindo-se "liberta" na atualidade, muitos fazem questão de realçar que a liberdade estava no "antes" gospel, e não no "agora" pop. Logo, as narrativas sempre trazem um imaginário dual sobre o famoso: seu "antes" e "depois" é realçado, enfatizado e perseguido.

Além disso, se são os "crenteiros" – os chamados "crentes encrenqueiros" – aqueles vistos por muitos dos comentadores como os que estão a desacreditar moralmente a artista, é interessante perceber que as pessoas que não se apresentam necessariamente como não evangélicas também julgam as intenções da famosa e sua real credibilidade em se fazer artista longe das igrejas. Neste caso, observamos o oposto: o "antes" nunca se apaga também, mas há nele uma intencionalidade proselitista na geração do "agora", uma busca intencionada por dinheiro e sucesso fácil. Oportunismo, desejo de alavancar carreira e "estratégia de marketing" são acusações ditas laicas recorrentes. Assim, para qualquer crítico, evangélico ou não, o passado gospel sempre se faz presente e renitente nas *tretas* com Priscilla, mantendo-se ativo e produtor das significações que rondam sua carreira.

Contudo, o futuro da famosa é também escrutinado, já que há uma intensa produção de imaginações negativas sobre o porvir: há aqueles que a julgam como sendo um "anjo decaído" e que não tardará muito a retornar aos braços divinos, arrependida e expurgando os pecados. Há também as pessoas que preveem um fracasso comercial da iniciativa de almejar uma vida artística mundana, tendo em vista a existência de um passado religioso que denuncia uma incapacidade quase que originária para a carreira de celebridade pop.

Logo, podemos afirmar que uma diferenciação nas *tretas* se faz presente, já que muitos que escrevem as maledicências demonstram conhecer o idioma pentecostal e suas gramáticas, apresentando-se com argumentos capazes de indicar que são conhecedores do assunto e teriam autoridade para prever o futuro. Por meio de uma retórica da revelação, recheada de passagens bíblicas e tons de ameaça, muitos *haters* constroem discursos orientados por futuridades, declarando que algo está para acontecer na vida de Priscilla. Segundo Bandeira (2023:225), enquanto a profecia evangélica aponta para bênçãos que acontecerão na vida do crente, a revelação pode indicar algo também negativo, que já estaria acontecendo e que dependeria de uma ação de fé por parte do alvo da revelação a fim de que ela não se concretize.

> Ei filho pródigo..... O pai ainda te espera.. há um anel, uma túnica e novas sandálias🙌
>
> Eles estavam no meio de vós, mas nunca foram dos seus
>
> Quando a fama acabar , volta a ser 'gospel '

Tais *tretas* em torno da defesa de um modo de ser evangélico que se apresentam um tanto intransigentes nas redes sociais por meio da figura genérica dos *haters* são práticas que atuam na tentativa de gestão dos outros, ao fornecerem modelos existenciais ideais na forma de textos escritos curtos, vídeos e de recursos gráficos. Exige-se de Priscilla uma performance ética específica. Os comentários massivos servem como

lembrete constante à artista do tipo de evangélica que ela deveria ser. São narrativas que monitoram o comportamento em termos de vícios e virtudes, de bem e mal, de certo e errado.

No contexto dessas interações, seria ingênuo acreditar que os artistas em geral não levam em consideração os *haters* em suas postagens ou, pelo menos, no caso estudado, o quanto o tópico da vida religiosa é a todo instante trazido à tona nas trocas digitais. Enquanto emissoras, as celebridades têm a possibilidade de dimensionar o processo de recepção de suas mensagens, bem como os efeitos de suas próprias trajetórias sob a plateia, reavaliando constantemente os discursos conforme as *tretas* insufladas nas redes.

Há um exercício de autocontrole e de constante vigilância de si nas redes de Priscilla, o que não garante uma previsibilidade comportamental da audiência, sempre apta a ultrapassar a gestão de reputações. Certamente, tais repercussões disjuntivas angariam engajamentos e favorecem a divulgação dos trabalhos artísticos. O *clip* de *Quer dançar* já é de longe a obra mais vista nas plataformas da cantora. Isso porque é importante para uma artista pop também estimular situações que venham a gerar a repercussão de seu trabalho para além do produto final artístico em si mesmo.

Entretanto, o estímulo a estratégias comerciais como essas não significa a inexistência de processos de construção de moralidades por meio dessas interações. Pelo contrário: as artistas são obrigadas a refletir sobre si a partir dos efeitos dos comentários na internet e pensar sobre suas próprias reputações e posições acerca de assuntos caros à comunidade de fãs. Constantemente, elas reclamam dos "linchamentos virtuais" (Freitas 2017) e buscam formas de contornar os excessos desse controle.

Uma das possibilidades dada às artistas de "passado religioso" é escancarar o conflito e o *colapso moral*, partindo para o debate e a defesa constante de si mesmas nas redes sociais. No entanto, o que mais se verifica é algo próximo da atitude de Priscilla: recolher-se ao silêncio. Ou melhor, fornecer respostas a essas provocações de forma indireta, por meio do uso de diferentes recursos. Por exemplo: dentro da dispersa onda de críticas após a divulgação da carta e da música funk, só identifiquei uma única resposta de Priscilla a um comentário em seu Instagram, diante dos milhares de *haters* disparando críticas. Um jovem fez a ela a seguinte indagação, em tom cordial:

> Pri, já que a crentaiada tá nervosa com sua nova fase, que tal se posicionar sobre o público que tem te dado mais força nesse momento: LGBTQIAP+? Eu realmente gostaria de saber se tô investindo tempo e dinheiro numa aliada e não numa oportunista. Te desejo muito sucesso, mas tempo e dinheiro são muito preciosos pra sair dando pra qualquer um, você mais que ninguém deve saber isso.

O inédito comentário da cantora nas caixas de texto repletas de *tretas* foi o seguinte:

> venho declarando meu apoio e vou continuar fazendo isso com cada vez mais veemência! sou muito grata por sempre ter tido a presença da comunidade na minha jornada, sempre com trocas que me agregam muito e da mesma forma quero retribuir. feliz por hoje não ter mais vestígios nem amarras de um fundamentalismo religioso que rejeita a diversidade. hoje me encontro livre pra ser, pra pensar e agir! um beijo ❤️

Já explorei em outro trabalho (Bispo 2023) o quanto as *interrupções* de Priscilla se revelam repletas de nuances subjetivas e ponderações morais, não sendo este o foco do artigo. A cantora já declarou que não se trata de uma ruptura plena com a fé, pois entende-se ainda como evangélica, mas não frequentadora ativa de igrejas e muito menos seguidora do que classifica como "fundamentalismo religioso".

Suas narrativas atuais procuram apontar as limitações impostas pelas instituições evangélicas às artes e às expressões de gênero e de orientação sexual, proferidas publicamente pela cantora nas mídias de forma mais ou menos sutil, como no comentário anterior. "Feliz por hoje não ter mais vestígios nem amarras de um fundamentalismo religioso que rejeita a diversidade" é uma frase que demonstra suas negociações na atualidade com certos valores evangélicos que outrora sempre soube tão bem pregar ao ser apresentada enquanto exemplo no espaço público pelas igrejas.

Aliás, sua expressividade pública segue em saber contornar os *haters*, que dela exigem posicionamentos de fé constantes. A eles, dedicou a música nomeada ironicamente de *Fã incubado*, cantiga esta reveladora dos incômodos que as cobranças morais religiosas no mundo digital geram às subjetividades de pessoas famosas. Destaco um trecho:

> Eu posso ser Paulina, mas também sei ser Paola
> Blindada de toda inveja, contra toda usurpadora
> Meu nome não é Bracho, mas Alcantara faz estrago
> Natureza inigualável, presença sempre impecável
> (...)
> Ainda 'tá falando de mim?
> Ser *hater* é passado, tu é fã incubado
> Assume que tu gosta de mim (gosta de mim)
> Eu sei que dói me ver livre assim

De fora para dentro (e para fora)

De modo geral, o mundo artístico é marcado por uma relação ambígua entre anônimos e famosos (Coelho 1999). Artistas nem sempre são admirados e geram sentimentos controversos nas pessoas. Abu-Lughod (1995) nos lembra, em pesquisas sobre celebridades egípcias da televisão, de que o *star system* favorece um sentimento de admiração e proximidade nas pessoas, por se sentirem conhecedoras de suas vidas e de seus interesses. Entretanto, há também um forte senso de distanciamento desse mundo, interpretado como uma outra dimensão, longínquo e fora da alçada cotidiana. Não consideramos nossos ídolos pessoas iguais a nós, mas em um patamar diferenciado, por supostamente não usarem transporte público, não cozinharem ou não se preocuparem em pagar as próprias contas. Pior: a fama pode ser interpretada como fonte da corrupção e decadência moral, tanto que artistas convertidos às igrejas evangélicas se mostram críticos aos seus "encantamentos", possível estopim para drogas, divórcios, desregramento sexual e instabilidade familiar (Bispo 2019, 2021b).

Logo, um artista é alguém suficientemente próximo, por sabermos detalhes de sua vida, e, ao mesmo tempo, bastante distante, por habitar um lugar extraordinário, que segue regras próprias. É no contexto dessas porosas fronteiras entre exaltação e execração que uma das maneiras mais comuns de nos relacionarmos com famosos é por meio das narrativas de fofoca.

Neste artigo, conceituaremos fofoca como certas informações mais ou menos depreciativas sobre sujeitos específicos, proferidas e comentadas entre si por um conjunto de pessoas (Elias e Scotson 2000), cujas capilaridades e poderes de disseminação e conexão ganham nova força por meio das redes sociais digitais. A fofoca, em muitos casos, pode não ter o caráter negativo com que se está trabalhando aqui e, como já nos revelaram influentes clássicos, ela é de suma importância para a dinâmica de uma sociedade, realçando normas e crenças morais de um grupo (Epstein 1969; Merry 1984). As fofocas *on-line*, muito vezes acompanhadas de *tretas*, revelam avaliações críticas acerca dos atos e pensamentos de alguém. Assim, tolerância e fascínio pelo famoso se misturam a descrédito e desdém nas fofoqueiras sociabilidades digitais de fãs.

Foi por meio da fofoca sobre sua vida íntima que Andressa Urach, 36 anos, fez-se e foi feita pelos internautas enquanto artista no Brasil. Em particular, o disse me disse em torno dela sempre buscou realçar suas proximidades com práticas sexuais dissidentes, como a de ser especificamente prostituta (aquela que troca sexo por dinheiro) ou, pelo menos, puta, categoria que Lopes (2017:41) afirma açambarcar toda mulher que tem muitos parceiros sexuais, que faz sexo fora do casamento ou, simplesmente, qualquer mulher cujas "práticas sexuais podem facilmente deslizar para uma profissão semicriminalizada".

Urach foi modelo e tornou-se conhecida ao ser vice-campeã do *Miss Bumbum Brasil*. A segunda posição deu a ela um *status* de perdedora rancorosa na mídia, principalmente nas redes sociais, de modo que ela passou a atuar em diversos veículos de comunicação a fim de reverter o desprestígio sofrido. Com isso, ela compõe até hoje o que nomeei "baixa classe artística" (Bispo 2018), um conjunto de famosos sem grande prestígio entre os próprios pares e vistos pejorativamente como subcelebridades no hierárquico e competitivo mundo das artes. Ela apresentava-se como modelo em eventos e dançarina em programas populares da TV e participava esporadicamente de atividades múltiplas, nunca de maneira estável e sempre tangenciando as franjas do mercado erótico.

O tópico de gênero e sexualidade é central para melhor compreensão dos discursos morais sobre artistas como Andressa na internet. Entender tais trajetórias por meio da categoria "envolvida com" (a prostituição ou algo sexualmente imoral, por exemplo) é algo que nos permite melhor iluminar a dinâmica da fofoca no *bas-fond* artístico. "Envolvida com" é um mecanismo moral capaz de produzir suspeição generalizada sobre o comportamento sexual de alguém, comum nos circuitos de fofoca. Seria Urach "envolvida com" a prostituição ao aparecer rebolando na televisão? Foi ela em algum momento garota de programa ou esteve sexualmente "envolvida com" alguma celebridade?

As fofocas em torno de ser possível comprovar ou não o fato de ela ser "envolvida com" estimulam por si mesmas discursos de controle moral. A mera suspeição favorece o apontamento aqui e acolá de evidências que, por tabela, já reforçariam a imoralidade. Toda mulher famosa, meramente por ser uma profissional do mundo artístico, parece violar pressupostos heteronormativos básicos de gênero, o que favorece ter seus comportamentos escrutinados por meio das tramas de controle motivadas pela suspeita do "envolvimento com". Tais fofocas têm o propósito de reforçar que se é, foi ou será (mais cedo ou mais tarde) alguém misturada às lascívias e aos prazeres da carne em virtude de meramente trafegar pelo mundo artístico.

Uma infecção generalizada e os dias passados na UTI de um hospital devido ao uso de hidrogel para delineamento do corpo foi considerado por Urach o momento crítico para uma dramática conversão religiosa a partir do ano de 2014. Passando a frequentar os púlpitos da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) enquanto artista "de fora para dentro" (De Paula 2007), tornou-se ativamente evangélica ao pregar, por meio de testemunhos, a importância de uma vida em Deus e os malefícios gerados pela exposição midiática.

Especializando-se em dialogar com mulheres evangélicas e seus comportamentos afetivo-sexuais, sua conversão e participação em atividades da IURD foram alvo de inúmeras desconfianças. Urach foi acusada de desejar "aparecer" à custa do evangelho, crítica comum aos artistas "do mundo" que passam a frequentar a igreja, cuja fé é constantemente colocada à prova. Um livro-biografia-testemunho da modelo

foi sucesso editorial no ano de 2015 e deu a ela maior prestígio no meio religioso. *Morri para viver: meu submundo de fama, drogas e prostituição* vendou milhões de cópias e promoveu o reencontro da artista com algum sucesso nas mídias seculares. Assim, o "envolvida com" passava a ganhar concretude após a conversão, não era mais uma suspeição. Fazer-se evangélica naquele momento era expurgar o mal sexual que seria constitutivo de sua identidade.

Interrupções e *colapsos morais* marcaram a trajetória religiosa da modelo nos últimos dez anos, o que nos permite atentar para as indeterminações e incompletudes das histórias de vida. Depois de algum tempo de forte adesão religiosa, Andressa passou a mostrar-se crítica ao que vivia entre evangélicos. Diferentemente de Priscilla e suas denúncias de "fundamentalismo religioso", a modelo entoa hoje um senso crítico apurado ao que considera ser uma "exploração" das igrejas. "Dediquei meus últimos seis anos da minha vida para Jesus como todos sabem, mas acabei me sentindo como um objeto descartável, nunca me senti assim nem no tempo da prostituição"[2], revelou. De acordo com Scielke (2009:173), é preciso também pensar nas expectativas não concretizadas que perpassam processos de conversão. Aspirações de sucesso, saúde, status e felicidade povoaram as tentativas de Urach em ser virtuosa. As frustações em torno dessas ambições não realizadas fizeram-na sair da IURD. Ela passaria por outras denominações evangélicas posteriormente, sem sucesso.

Cabe destacar que todo o trânsito religioso de Urach foi marcado por ações judiciais, crises conjugais, tensões familiares, desavenças com a prole e internações psiquiátricas. O afastamento das igrejas trouxe um progressivo interesse no mercado midiático-erótico que ela outrora soube tão bem alimentar. Mais silicone nos seios, imagens sensuais na internet e parcerias comerciais com o concurso que a catapultou para o estrelato foram suas primeiras investidas em uma "nova imagem", menos religiosa e mais sensual.

Desde então, Urach dedica-se a algo mais audacioso dentro da escala moral da "estratificação sexual" (Rubin 2017) presente em nossa sociedade: a produção de vídeos pornográficos para uma plataforma digital, chamada *Privacy*, cujos assinantes pagam mensalmente para acessar ao conteúdo ali disponível. Além de atriz dos próprios filmes pornôs, ela é produtora e empresária junto ao filho. É a partir da inserção em ambientes digitais do sexo que a modelo procura se reinserir nas artes.

Inúmeras fofocas alimentaram o disse que disse nas redes sociais em torno do fato de ela realmente vir a concretizar tal "decadência moral". No Instagram, ela comemorou um mês de sucesso comercial no Privacy com as seguintes fotos e legendas, explicitando mais uma vez que, sim, ela estava "envolvida com" pornografia e prostituição (Figuras 4).

Figura 4. Imagens do Instagram de Andessa Urach nas Quais Comemora com seu Filho o Sucesso em Plataforma de Venda de Serviços Eróticos.

Legenda do *post*: Meio milhão [*de reais*] em 23 dias está bom pra vocês? Quando você ganhar o que eu ganho e começar a fazer pix na minha conta então você pode falar de mim! Obrigada a todos os fãs do @sejaprivacy em 8 dias batemos 100mil reais em vendas e em 23 dias batemos 500 mil reais em vendas! Sou a campeã em tempo record do @sejaprivacy rumo ao 1 milhão , 2, 3, 4… Estou muito feliz, comprei o carro que eu queria e agora vou poder ajudar a minha mãe. Obrigada @arthururachoficial meu filho pelo teu excelente trabalho como fotógrafo e câmera. Obrigada Deus!!!❤️🙏 Não importa se vc cair 7 vezes o importante é você levantar.
Fonte: https://www.instagram.com/p/Cv8KXgMpUdz/?img_index=1

Uma tempestade de comentários julgou a nova carreira da modelo, principalmente pelo fato de ter o filho ao seu lado nas gravações. A avalanche de comentários servia para reforçar, reiterar e comentar a eterna crítica feita a Urach: o mal sempre se avizinha a uma artista apontada desde sua origem como desviada. Todos na rede digital que a acusavam pareciam querer demonstrar o quanto sabiam que ela sempre esteve “envolvida com”.

> Não tem que agradecer a Deus, e sim a satanás, pq vc está servindo a ele e não a Deus!
>
> Infelizmente ali nem ela nem o filho bate bem,qe triste
>
> Muito dinheiro, mas tem q ter coragem de se expor assim. A pessoa perde a dignidade.
>
> Não usa o nome de Deus tão santo e poderoso, para se referir ao algo tão sujo.
>
> Obrigada Deus? Não Não, Deus não tem nada haver com isso! Façam o que quiser sejam felizes com suas escolhas, mas não agradeça a Deus por isso não, Deus é santo!
>
> Será q vc vai levar esse dinheiro pro caixão ? Volta pra Jesus , cuida da sua Salvação @arthururachoficial você passou de garoto tímido a boca suja kkk só fala palavrão, você não tem vergonha de filmar sua mãe? Acho isso um absurdo, vocês não tem valores morais fazem tudo por dinheiro
>
> Meu Deus... apavorante o seu futuro. Tem coisa que o dinheiro não vai comprar e nem te salvar
>
> Essa não era aquela mulher que tava a beira da morte por ter colocado botox, teve um monte de complicação pelo produto, e depois pediu em rede nacional pra todos todos os telespectadores, orarem e implorou a Deus para que Ele desse outra chance pra ela de mudar e fazer tudo diferente, moça minha mãe colocou o seu nome no círculo de oração da igreja na época, ela se comoveu tanto com sua situação, ficou com dó mesmo e orou por vc, fez a igreja toda orar quando me falaram que seu filho tava gravando conteúdos seus eu não acreditei...🤡🤡🤡🤡

"Eu não vim julgar" e "quando me falaram"... O que se percebe em tais fluxos de fofoca digitais é um sistema de acusações e de (des)construção de reputações proferido por um conjunto de pessoas relativamente anônimas contra uma artista cujo comportamento é considerado incoerente e indesejável. A *treta* é, em muitos casos, a mobilização de um grande número de pessoas antagonizando a uma só. As caixinhas de comentários não são a fonte originária de mexericos, se é que ela existe. As acusações também não são aleatórias, mas respaldam-se em uma visão preconceituosa e estereotipada sobre sexualidade e religião. Longe de entender as interações

das *tretas* e fofocas como meramente destrutivas ou edificantes, podemos pensá-las como negociações e disputas em torno do que é ser evangélico.

Inspirado nas reflexões de Hirschkind (2021) acerca do papel de mídias cassetes na disseminação de sermões no Egito, afirmo também que, em nossa cada vez mais digitalizada sociedade, prosaicas interações em caixas de comentário *on-line* são pontos de referência centrais para o autocultivo ético diário de fiéis. Mochel (2023) revela que posts, comentários, curtidas e *emojis* são instâncias estimuladoras das sensibilidades religiosas na contemporaneidade também a partir do WhastApp. Tais modalidades comunicativas são estruturas narrativas dotadas de algum poder de agenciamento, de fazer acontecer, dando forma a inúmeros eventos de fé que tendem a auxiliar a ativação nos sujeitos de determinados "modos existenciais de afinamento moral e de ser" (Hirschkind 2021:214), aprimorando o exercício da fé por meio de ações religiosas não institucionalizadas (Mochel 2023).

As fofocas nas redes sociais têm um idioma de intimidade, de invasão da vida alheia, que acabam por promover a sensação nas pessoas de que elas estão suficientemente próximas das celebridades para com elas compartilharem momentos específicos de suas vidas. Contudo, ao fazer revelações sobre gravações de filmes pornôs no Instagram, Urach parece próxima e distante de seus seguidores ao mesmo tempo: é alguém de quem se fala com certa proximidade por conta de estar ali, "disponível" no celular; mas é também quem se avalia o comportamento em termos de certo ou errado, em virtude justamente da sensação de distanciamento. Afinal, "ela está envolvida com pornô agora".

"Imagine só, uma coisa dessas!" foi a frase pronunciada rotineiramente pelos informantes de Elias e Scotson (2000:124) em suas pesquisas em uma comunidade inglesa cindida por fofocas entre moradores. "Eu não estou aqui julgando" foi uma das frases que mais observei nos comentários para artistas que passaram por igrejas evangélicas no Instagram. Tais sentenças denotam bem o caráter avaliativo que a fofoca imputa naquele que a escuta/lê.

Portanto, famosos são aquelas pessoas específicas que fornecem assunto para fofocas e sobre quem se pode falar com outras como se eles fossem estranhos conhecidos, amigos distantes. "Se um dia parassem os moinhos da boataria [...], a vida perderia muito de seu tempero", ironizam Elias e Scotson (2000:122). Dessa forma, o valor de entretenimento que as acusações midiáticas adquirem em nossa sociedade é uma constante, o que não impede sentimentos de compaixão ou solidariedade para com o infortúnio do famoso, seguido concomitantemente de deboches e ridicularizações, a típica relacionalidade polarizada entre fã e ídolo da moderna sociedade de massas, agora cada vez mais marcada pelas tramas do digital.

Considerações finais

Voltemos a meados da década de 1970, período do clássico trabalho de campo de Novaes (1985) realizado na Congregação da Assembleia de Deus, município de Santa Maria, agreste pernambucano. Diz a autora sobre as sociabilidades na igreja à época:

> Por outro lado, a 'comunidade de irmãos' controla e disciplina o comportamento dos *crentes*. O 'bom testemunho de vida' é exigido de cada *irmão* por cada *irmão*. Todos têm o direito de avaliar o comportamento e advertir os 'irmãos de fé'. Quando um congregado ou membro incorre em erros, sem abandonar o grupo religioso, todos têm obrigação de alertá-lo e ajudá-lo por meio de conversas e orações a corrigir-se. É preciso evitar que um irmão ou irmã 'caia', desvie-se. A disciplina da igreja pode levar à expulsão, mas é raro que chegue a esse ponto. O que é mais comum é o afastamento voluntário do *crente* que não consegue se adaptar ao 'modo de vida' exigido (Novaes 1985:82, destaques da autora).

Podemos também ir mais além no tempo. Em seu texto-manifesto por um estudo da vida social nas cidades, Park (1967) já antevia a pertinência de olhar para os meios de comunicação a partir de seus potenciais de controle social. A imagem que o autor resgata para comentar essa relevância diz muito sobre as transformações por ele observada em início do século XX na forma de como se fala do outro imputada pela mídia. Park (1967) afirmava nesse texto de 1916 que os jornais impressos vinham substituindo o falatório típico das aldeias como meio de circular informações pessoais e controlar indivíduos em localidades de maiores dimensões. Suas ressalvas, porém, eram para o grau de eficiência desse controle por meio da mídia, já que, observando o jornalismo norte-americano daquela época, o autor acreditava que "a vida privada de homens e mulheres é um assunto-tabu para os jornais" (Park 1967:61).

Destaco esses trechos um tanto deslocados da densa etnografia de Novaes (1985) e de artigo fundante da antropologia urbana a fim de relativizar, nesta conclusão, as dimensões de ineditismo que muitas vezes as reflexões sobre mídias digitais ou outras novidades tecnológicas podem ensejar. Isso porque, atentos às intensas reconfigurações geradas pela digitalização da vida cotidiana – tornando-se a internet também uma presença ubíqua em nossos imaginários, inclusive religiosos –, podemos esquecer que controles morais e emocionais sempre ocorreram nas sociabilidades de modo geral, em particular entre "irmãos de fé", já que a preocupação com o desviante foi e continua sendo uma constante nas igrejas cristãs. Nas interações face a face na pequena cidade de Santa Maria, "crentes" observavam e julgavam constantemente o comportamento

de outros "crentes", algo que poderíamos verificar em outras roupagens comunicacionais, seja através de jornais impressos de início do século XX, seguindo Park (1967), seja por meio de prosaicas trocas de mensagem *on-line* em caixas de texto do Instagram na atualidade, reveladas neste artigo.

Assim, as modernas tecnologias de comunicação e informação da era digital atuam em recriações diárias de nossas existências religiosas, estimulando formas de usufruir do sagrado por diferentes caminhos, tal como fizeram (e ainda fazem) os jornais e a TV a seu modo. Certamente, as redes sociais ampliaram e confundiram ainda mais as fronteiras do que entendemos como religioso, já que elas favorecem que a experimentação da fé esteja além dos limites congregacionais da "civilização de paróquia" (Hervieu-Léger 2015). Através do modo *on-line*, a religião se torna um fenômeno menos reduzido a uma localidade, deslocando-se no tempo e no espaço a cada clique ou *emoji*, desafiando inclusive convenções sobre o compartilhar de sentimentos no contexto de uma comunidade de fiéis. Na Santa Maria de Novaes (1985), são sociabilidades primárias (familiares, amigos, vizinhos, etc.) que julgam os desviantes. Na atualidade, movimentaram-se para as mãos de heterogêneos atores – inclusive não religiosos – os controles e as avaliações morais comuns às típicas interações entre pares evangélicos.

As trocas digitais também vêm estimulando o esgarçamento das fronteiras entre o que é considerado sagrado e profano, ou do que efetivamente seja um ato ou ritual religioso diante de outro dito secular. "Deveria ser 'lugar' do religioso o espaço da internet?", poderiam indagar puristas do sagrado. As mídias digitais nos permitem verificar também a forma como as experimentações da fé são hoje encaradas pelos sujeitos, em termos de participação e frequência às igrejas, já que os dados aqui obtidos revelam de forma peremptória uma concepção cada vez menos institucionalizada do que seja se envolver com práticas consideradas religiosas.

Assim, seguir *tretas* e fofocas de artistas nas redes sociais tornou-se rentável neste artigo a fim de compreendermos as questões da vivência da fé no mundo digital. Mais precisamente, pude melhor esmiuçar os processos reflexivos de descontinuidades e transições que marcam trajetórias religiosas. O foco deste artigo recaiu menos nos efeitos subjetivos de tais instabilidades sobre as artistas em questão e mais na recepção de suas vidas religiosas entre fãs, muitos em suas facetas de *haters*, isto é, aqueles que interagem nas redes sociais odiando/criticando/reclamando das ações dos famosos.

Problematizei aqui as fissuras existenciais que provocam *tretas* e fofocas – por sua capacidade de realçar e densificar *interrupções* e *colapsos morais* –, ao mesmo tempo que alimentam as repercussões midiáticas que são imprescindíveis à fama no âmbito da indústria cultural. Realcei a cantora Priscilla Alcântara e a modelo Andressa Urach se construindo enquanto agentes morais pela internet, no sentido de acompanhar seus passos e suas tentativas de (re)formularem uma nova experiência artística tida como digna e louvável para si longe da articulação com as igrejas.

Mais do que isso, acredito que a reflexão aqui ensejada toca na percepção mais existencialista que temos daqueles que estão ao nosso redor e de suas importâncias na compreensão que fazemos de nós mesmos. Ao longo do artigo, realcei as formas complexas e dialógicas de como as relacionalidades atuam na construção das demandas morais e subjetivas do religioso. Mas acredito ser importante ir além da noção mais interativa de relação que busquei realçar, a fim de demonstrar o conturbado e incompleto processo diário de criação de subjetividades e moralidades *on-line*.

Butler (2019), em *Vida precária*, lembra-nos do quanto desde o início de nossas vidas enquanto seres humanos somos entregues ao outro e não podemos nos livrar da dependência. A noção de humanidade passa por existirem outras pessoas das quais a nossa vida é sempre dependente. Pessoas anônimas e desconhecidas são fundamentais a todos nós, e, para a autora, a vulnerabilidade primária da condição humana seria essa nossa dependência dos outros, algo que gera uma responsabilidade ética entre nós. "Quem sou eu, sem você?" (Butler 2019:42), questiona-se Butler, a fim de demonstrar que não somos apenas constituídos por nossas relações – pelas interações/relacionalidades, como proposto anteriormente –, mas que também somos despossuídos por elas, isto é, se nossa existência é dependente de relacionamentos, paradoxalmente, esses relacionamentos podem nos subtrair em alguma medida.

Dessa forma, conflitos, *tretas* e fofocas com os outros ao redor – cujos fluxos circulatórios passam por canais de grande repercussão e conexão como a internet – nos instigam constantemente devido à interdependência inevitável e destruidora que temos com as demais pessoas. Contudo, as trocas digitais também nos assombram em razão justamente da potencialidade de a todo instante sermos colocados em posição de vulnerabilidade por meio delas, na maioria das vezes por desconhecidos. *Tretas*, fofocas e conflitos são micronarrativas midiatizadas fortuitas, porém eficientes, que perpassam o cotidiano de inúmeros sujeitos em nossa sociedade, gerando neles tanto interrogações quanto certezas sobre alguém próximo ou distante.

Logo, os controles morais e as trocas sociais ganham novas dimensões quando são perpassados pelas microvilosidades das redes digitais. Na contemporaneidade, torna-se difícil identificar aqueles que não são constituídos minimamente por meio desses laços interativos múltiplos, desterritorializados e fortuitos. Ao mesmo tempo, tornou-se mais explícita, por meio do conectivo mundo digital, a constatação de que a cada mergulho no Instagram poderíamos ser "desfeitos uns pelos outros" (Butler 2019:44). Afinal, as exigências e os julgamentos formulados pelos sujeitos entre si na internet revelam o quanto não nos pertencemos por completo. Nossas existências estão cada vez mais abertas aos relacionamentos *on-line*, que nos são constitutivos já há alguns anos... e isso ainda nos assusta por completo.

Bibliografia

ABU-LUGHOD, Lila. (1995), "Movie stars and Islamic moralism in Egypt". *Social Text*, nº 42: 53-67.

BANDEIRA, Olívia. (2023), *Música gospel: disputas e negociações em torno da identidade evangélica no Brasil.* Rio de Janeiro: Papéis Selvagens Edições.

BISPO, Raphael. (2018), "Na corrente midiática da fé: comunicação de massa e dinâmicas contemporâneas do testemunho evangélico". *Horizontes Antropológicos*, vol. 52: 249-277.

BISPO, Raphael. (2019), "'Deus dá uma segunda chance': sofrer e refazer mundos em testemunhos religiosos". *Horizontes Antropológicos*, vol. 54: 111-139.

BISPO, Raphael. (2021a), "A ética cotidiana das interrupções em trajetórias religiosas pentecostais". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 36, nº 107: 1-19.

BISPO, Raphael. (2021b), "O juízo da fama: moralidades e emoções nas narrativas testemunhais de conversão no mundo artístico evangélico". *Religião & Sociedade*, vol. 41, nº 1: 23-47.

BISPO, Raphael. (2023), "'Jesus Cristo é a maior onda!': juventudes evangélicas e as vicissitudes da fé". *Estudos de Religião*, vol. 37, nº 3: 161-194.

BUTLER, Judith. (2019), *Vida precária: os poderes do luto e da violência*. Belo Horizonte: Autêntica.

CARPENEDO, Manoela. (2022), "Piedosas e policulturais: conversão, agência e tormento moral entre mulheres evangélicas judaizantes no Brasil". *Debates do NER*, nº 41: 13-41.

CARVALHO, Mario Felipe de Lima. (2017), "Nossa esperança é ciborgue? Subalternidade, reconhecimento e 'tretas' na internet". *Estudos Feministas*, vol. 1, nº 25: 347-364.

COELHO, Maria Claudia. (1999), *A experiência da fama*. Rio de Janeiro: FGV.

DAS, Veena. (2007), *Life and words: violence and the descent into the ordinary*. Berkeley: University of California Press.

DE PAULA, Robson. (2007), "'Os cantores do Senhor': três trajetórias em um processo de industrialização da música evangélica no Brasil". *Religião & Sociedade*, vol. 27, nº 2: 55-84.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. (2000), *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Zahar.

EPSTEIN, A. L. (1969), "Gossip, norms and social network". In: J. C. Mitchell (ed.). *Social networks in urban situations*. Manchester: Manchester University Press.

FASSIN, Didier. (2008), "Beyond good and evil? Questioning the anthropological discomfort with morals". *Anthropological Theory*, vol. 8, nº 4: 333-344.

FOUCAULT, Michel. (1990), *Tecnologias del yo – Y otros textos afines*. Barcelona: Paidós Ibérica.

FREITAS, Eliane. T. (2017), "Linchamentos virtuais: ensaio sobre o desentendimento humano na internet". *Antropolítica*, nº 42: 140-163.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. (2015), *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Petrópolis: Vozes.

HIRSCHKIND, Charles. (2021), "Uma ética da escuta: a audição de sermões em cassete no Egito contemporâneo". *Debates do NER*, nº 39: 211-261.

LAMBEK, Michael. (2010), "Introduction". In: M. Lambek (ed.). *Ordinary ethics: anthropology, language and action*. New York: Fordham University Press.

LOPES, Nathânia. (2017), "'Prostituição sagrada' e a prostituta como objeto preferencial de conversão dos 'crentes'". *Religião & Sociedade*, vol. 37, nº 1: 34-46.

MACHADO, Carly. (2018), "Evangélicos, mídias e periferias urbanas: questões para um diálogo sobre religião, cidade, nação e sociedade civil no Brasil contemporâneo". *Debates do NER*, nº 33: 58-80.

MACHADO, Carly; SANT'ANA, Raquel. (2023), "Religião e mídia: breves notas a partir do Brasil". In: F. Teixeira e R. Menezes (orgs.). *Antropologia da religião: autores e temas*. Petrópolis: Vozes.

MAHMOOD, Saba. (2006), "Teoria feminista, agência e sujeito liberatório: algumas reflexões sobre o revivalismo islâmico no Egito". *Etnográfica*, vol. 1, nº 10: 121-158.

MERRY, Sally. E. (1984), "Rethinking Gossip and Scandal". In: D. Black (ed.). T*oward a General Theory of Social Control – volume 1: Fundamentals*. London: Academic Press.

MOCHEL, Lorena. (2023), "Ministérios no WhatsApp: gênero, sensorialidades e transformações ético-políticas no cotidiano de mulheres evangélicas". *Sexualidad, Salud y Sociedad*, nº 39: 1-24.

MONTERO, Paula. (2018), "Religião cívica, religião civil, religião pública: continuidades e descontinuidades". *Debates do NER*, nº 33: 15-39.

NOVAES, Regina. (1985), *Os escolhidos de Deus: pentecostais, trabalhadores e cidadania*. São Paulo: Editora Marco Zero.

PARK, Robert. (1967), "A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano". In: O. Velho (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar.

PINHEIRO, Marcia Leitão; FARIAS, Carine Lavrador. (2019), "O funk abençoado: apropriação musical, trajetória religiosa e carreira musical de MC Polliana Gospel Funk". *Religião & Sociedade*, vol. 39, nº 3: 34-57.

ROBBINS, Joel. (2004), *Becoming sinners: Christianity and moral torment in a Papua New Ginea Society*. Berkeley/Los Angeles: University of California Press.

ROBBINS, Joel. (2011), "Transcendência e antropologia do cristianismo: linguagem, mudança e individualismo". *Religião & Sociedade*, vol. 31, nº 1: 11-31.

ROBBINS, Joel. (2015), "Onde no mundo estão os valores? Exemplaridade, moralidade e processo social". *Sociologias*, nº 39: 164-196.

ROBBINS, Joel. (2020), *Theology and the anthropology of Christian life*. Oxford: Oxford University Press.

RUBIN, Gayle. (2017), "Pensando o sexo". In: G. Rubin (org.). *Políticas do sexo*. São Paulo: Ubu Editora.

SCIELKE, Samuli. (2009), "Ambivalent commitments: troubles of morality, religiosity and aspiration among young egyptians". *Journal of Religion in Africa*, vol. 39, nº 2: 158-185.

ZIGON, Jarret. (2013), "Moral breakdown and the ethical demand: a theoretical framework for an anthropology of moralities". *Anthropological Theory*, vol. 7, nº 2: 131-150.

Jornais e revistas consultados

SPLASH. (2022), "Da conversão ao processo: entenda a treta entre Andressa Urach e Universal". Uol (on-line), 16 mar. 2022. Disponível em: https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/03/16/da-conversao-ao-processo-entenda-treta-entre-andressa-urach-e-a-universal.htm. Acesso em: 02/01/2024.

Submetido em: 06/05/2024
Aprovado em: 16/12/2024

Raphael Bispo* (raphaelbispo83@gmail.com)

* Professor adjunto do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil. Coordenador do Grupo de Pesquisa em Família, Emoções, Gênero e Sexualidade (FEGS). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Doutor em Antropologia.

Resumo

É fã ou *hater*? Interrupções religiosas e colapsos morais nas redes sociais digitais de artistas evangélicas

O objetivo deste artigo é refletir como disposições morais e subjetivas religiosas são mediadas pelas interações sociais em suas fronteiras com as novas tecnologias de comunicação e informação digitais. O trabalho baseia-se na observação, no acompanhamento e na análise de conteúdos produzidos e compartilhados entre artistas evangélicas e seus fãs seguidores na internet. Fofocas e *tretas* sobre trajetórias religiosas emergem nos debates escritos, gravados e narrados nas plataformas digitais de mulheres famosas envolvidas em algum momento de suas histórias pessoais com igrejas evangélicas. Acionando categorias analíticas como *interrupções* e *colapsos morais*, busca-se, neste artigo, atentar para a dimensão da relacionalidade presente nos conflitos morais e emocionais comuns aos processos de transformações de si diante das vivências ordinárias da fé.

Palavras-chave: religião; moralidades; emoções; redes sociais digitais; artistas.

Abstract

Are you a fan or a *hater*? Religious interruptions and moral breakdowns in the digital social networks of evangelical artists

The objective of this article is to reflect on how religious moral and subjective dispositions are mediated by social interactions at their borders with new digital communication technologies. The work is based on the observation, monitoring and analysis of content produced and shared between evangelical artists and their fans on the internet. Gossip and *tretas* about religious trajectories emerge in written, recorded and narrated debates on digital platforms by famous women involved in their personal histories with evangelical churches. Using analytical categories such as *interruptions* and *moral breakdowns*, this text seeks to pay attention to the dimension of relationality present in moral and emotional conflicts, common to the processes of transformation of oneself in the face of ordinary experiences.

Keywords: religion; moralities; emotions; digital social media; artists.

Resumen

¿Eres fan o *hater*? Interrupciones religiosas y colapsos morales en las redes sociales digitales de artistas evangélicos

El objetivo de este artículo es reflexionar sobre cómo la moral religiosa y las disposiciones subjetivas son mediadas por interacciones sociales en sus fronteras con las nuevas tecnologías de comunicación digital. El trabajo se basa en la observación, seguimiento y análisis de contenidos producidos y compartidos entre artistas evangélicos y sus fans en internet. Chismes y *tretas* sobre trayectorias religiosas surgen en debates escritos, grabados y narrados en plataformas digitales por mujeres famosas involucradas en sus historias personales con iglesias evangélicas. Utilizando categorías analíticas como *interrupciones* y *rupturas morales*, este texto busca prestar atención a la dimensión de relacionalidad presente en los conflictos morales y emocionales, comunes a los procesos de transformación de uno mismo frente a las experiencias ordinarias.

Palabras clave: religión; moralidades; emociones; redes sociales digitales; artistas.

Este artigo é de acesso aberto e está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribução 4.0 Internacional